



A herança da crise econômica do período colonial e a instabilidade política resultante do surgimento de novas ideias provocaram revoltas após a abdicação de Dom Pedro I durante a Regência, intensificando o descontentamento dos grupos locais.

Nesse contexto, a Revolução Farroupilha (1835-1845), também conhecida como Guerra dos Farrapos, teve uma duração de quase dez anos e teve um papel estratégico nas disputas territoriais e econômicas com os espanhóis.

O Rio Grande do Sul era essencial para o fornecimento de produtos como charque, couro e gado, além de ser crucial para a defesa das fronteiras sulinas.

Na região do Prata, as relações fronteiriças eram marcadas por conflitos e cumplicidades, com líderes como Bento Gonçalves da Silva se destacando na luta contra os uruguaios. As diferenças entre os líderes locais e o poder central aumentaram após a incorporação da Província Oriental, agora Cisplatina, pelos portugueses em 1816.





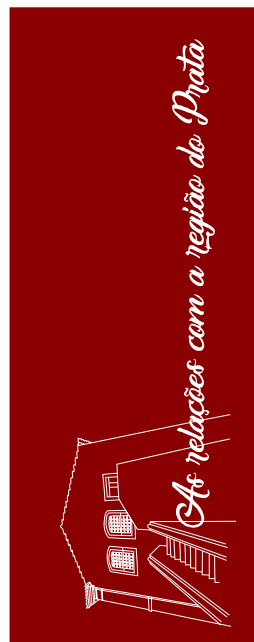
24110000023676

A perda do território da Cisplatina resultou em um revés político e econômico para os criadores rio-grandenses, que buscavam consolidar sua ocupação e apropriar recursos.

Enquanto o Império visava restaurar a paz para favorecer os exportadores do centro do país, os estancieiros locais pretendiam consolidar sua ocupação naquele espaço e obter mais reses e braços para o trabalho nas charqueadas.

Os conflitos com a Cisplatina fortaleceram as relações entre líderes militares de ambos os lados. Exemplo disso foi o apoio dado a Juan Antonio Lavalleja pelo comandante da fronteira de Jaguarão, Bento Gonçalves da Silva, e pelo de Alegrete, Bento Manoel Ribeiro. Essa convivência proporcionou a disseminação de ideias federalistas e republicanas, influenciadas pela independência dos Estados Unidos e pela Revolução Francesa.

Jornais liberais e farroupilhas também abordavam esses temas, relacionando-os ao pensamento iluminista. Essas tendências influenciaram a elite revolucionária e líderes políticos como Bento Gonçalves, que se envolveu com a Maçonaria nos anos 1830, onde se discutiam ideias liberais e nacionalistas.



Embarque das tropas a Praia Grande para expedição contra Monte Idon, Jean Baptiste Debort, 1839. Iconografia. Acervo Digital da Biblioteca Brasileira Cultura e José Antônio Dória (BIBD)



No início do século XIX, as forças políticas se dividiam em três grupos: liberais moderados, liberais exaltados e restauradores. Os liberais exaltados, também conhecidos como farroupilhas (daí possivelmente o derivativo "farraço") eram considerados mais avançados, chegando a defender a república. Eles se opunham aos conservadores, chamados de "caramurus".

A crise com o Império começou em abril de 1835, quando Bento Gonçalves foi acusado de conspirar pela separação da Cisplatina. A revolta iniciou na madrugada de 20 de setembro de 1835, com a ocupação de Porto Alegre.

Os rebeldes depuseram o presidente da província e solicitaram nova nomeação ao regente Antônio Feijó, marcando um avanço sobre as forças legalistas entre 1835 e 1839, marcado pela tomada de Piratini, Rio Pardo e Pelotas.

A tomada de Porto Alegre



Batalha da Verdun, Agosto 1916, de F. Delas, 1917. (reprodução, Equipes Históricas do IES)



Em setembro de 1836, Antônio de Souza Netto proclamou a República Rio-Grandense após saírem vitoriosos na Batalha do Seival, ato que foi reconhecido por diversos conselhos municipais. A sede do novo governo foi instalada em Piratini em novembro.

Bento Gonçalves, após deixar Porto Alegre, uniu-se aos farroupilhas na região da Campanha, encontrando as tropas legalistas na Ilha do Fanfa em Triunfo, sofrendo uma derrota e sendo preso junto com outros líderes.

Mesmo encarcerado no Rio de Janeiro, foi eleito presidente da República Rio-Grandense, e quem assume é o vice-presidente Gomes Jardim. Em 1837, a Maçonaria organizou sua fuga do Forte da Laje, em Salvador, e Bento Gonçalves reassumiu a presidência no Rio Grande do Sul, passando a ser chamado de general.

Outras vitórias, como na Batalha do Barro Vermelho em 1838, fortaleceram a luta farroupilha e a adoção do sistema republicano.

A proclamação da República Rio-grandense



General Bento Gonçalves da Silva, Autor Desconhecido. Iconografia, Museu Júlio de Castilhos



Proclamação da República Piratini, Antônio Parvians, 1914. Iconografia, Arquivo Histórico do RS



Durante a Guerra dos Farrapos, os republicanos adotaram o uso dos símbolos, como a cor vermelha, influenciados pelos vizinhos do Prata. O vermelho, presente nas guerras civis na região platina, simbolizava a luta pela independência, inspirada nas revoluções americana e francesa.

Em 1815, José Artigas introduziu a linha vermelha transversal na bandeira da Banda Oriental, posteriormente adotada pela Argentina. Em 1836, Juan Manuel de Rosas acrescentou quatro barretes frígios à bandeira, associados aos *sans culottes* da Revolução Francesa.

Com a Proclamação da República Rio-Grandense, foi adotada uma bandeira própria com cores semelhantes às do Império, em que o verde representava a filiação imperial de D. Pedro I à dinastia de Bragança e o amarelo era uma referência aos Habsburgo, dinastia austríaca da Imperatriz D. Leopoldina.

Após a eleição de Bento Gonçalves como presidente, a Bandeira Farrroupilha, nas cores verde, vermelho e amarelo, foi desfilada pela primeira vez por Teixeira Nunes nas ruas da cidade, em novembro de 1836.



Carga de Cavalaria, Guilherme Lirio, 1893. Fotografia: Museu Júlio de Castilhos



*A bandeira da
República Rio-grandense*



24110000023676

O Hino Rio-Grandense foi composto por Joaquim José de Mendanha após a vitória farroupilha na Batalha do Rio Pardo, em 1838.

Maestro Mendanha, nascido em Minas Gerais em 1800, era um músico e militar negro que integrou o 2º Batalhão de Caçadores do Rio de Janeiro. Convocado durante as revoltas do período regencial, com a derrota do Império, seus combatentes foram feitos prisioneiros. Dentre eles, havia uma banda de música completa que incluía o Mestre José de Mendanha.

Além de compor o Hino dos Farrapos, Mendanha se destacou como professor de música e participou ativamente de irmandades religiosas em Porto Alegre.

Existem três versões conhecidas da letra do Hino Rio-Grandense, tendo a de Francisco Pinto da Fontoura sido escolhida como a definitiva na década de 1930. A música original foi harmonizada por Antonio Tavares Corte Real e, em 1966, o Hino Rio-Grandense foi oficialmente adotado pelo Estado do Rio Grande do Sul.



Hino Rio-grandense e outros símbolos



Maestro Joaquim José Mendanha. Autor Luis Avila.
Iconografia: Museu Júlio de Castilhos

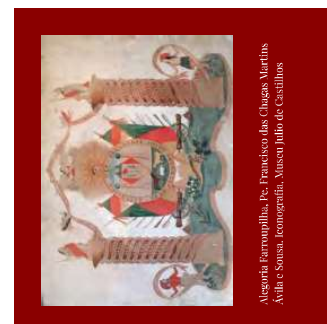


O lenço simbólico da República Rio-Grandense foi encomendado em 1842 pelos líderes farrapos e confeccionado nos Estados Unidos. O desenho foi atribuído a Bernardo Pires, envolvido na criação dos símbolos farroupilhas. O comerciante de Montevideu Marcial Rodriguez teria intermediado a encomenda, e parte dela chegou pelo porto de Rio Grande, apreendida por legalistas. Outra parte chegou por terra, em 1843.

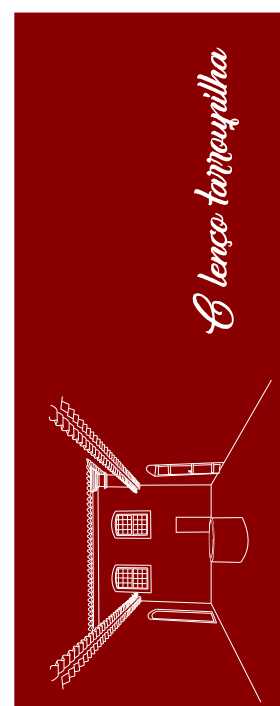
O brasão estampado no lenço não corresponde ao brasão farroupilha original, criado em 1836. O lenço foi inspirado na obra Alegoria Farroupilha.

Os símbolos no lenço incluem, no centro do brasão de armas, um escudo com a "República Rio-grandense" e a fita com as palavras "Liberdade, Igualdade, Humanidade", em referência à Revolução Francesa. O barrete frigio vermelho ao lado do brasão, circundado por ramos, simboliza a coragem e a luta pela liberdade.

O uso de lenços colorados se tornou símbolo de rebeldia em revoltas posteriores.



Alegoria Farroupilha, de Francisco das Chagas Martins, 1842. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Museu de Arte e Arqueologia.





Os primeiros registros da presença negra no extremo sul do Brasil Colônia datam do século XVIII e coincidem com as primeiras ações oficiais de ocupação, durante a chegada da frota de Laguna em 1725.

Pessoas negras escravizadas chegaram com os oficiais para defender as terras e garantir a segurança dos moradores. Sua importância cresceu ao longo dos séculos seguintes, especialmente durante conflitos econômicos e políticos do Império e do período regencial.

No início do século XIX, a população negra escravizada representava cerca de um terço da província, sendo essencial nas guerras e na economia regional.

Durante a Guerra dos Farrapos, os escravizados atuaram como soldados, peões de estâncias, tropeiros de gado e fabricantes de pólvora e plantações de fumo, contribuindo significativamente para a causa farroupilha.

Além disso, alguns negros ocuparam cargos importantes na administração da República Rio-grandense, demonstrando sua relevância também no governo. José Mariano de Mattos e Domingos José de Almeida são exemplos de líderes negros que tiveram papel de destaque nesse período.

